

O avesso do poder do controle e a multiplicação dos sujeitos de vigilância

Gustavo Fernandes Meireles*

Graduando em Ciências Sociais/UECE

Palavras-chave:

Vigilância, Disciplina, Controle.

Key Words:

Surveillance, Discipline, Control.

RESUMO: Partindo de estudos sócio-filosóficos do fenômeno da vigilância, é possível compreender que as ferramentas da sociedade de controle podem ser utilizadas tendendo a um maior equilíbrio à assimetria permanente entre poderes correlacionados. Para além da vigilância em lugares estanques, o controle se faz presente a cada instante, trazendo consigo um potencial de pulverização do poder dominante, alargando o espaço de ação dos indivíduos na medida em que estes podem ocupar mais facilmente a posição de sujeitos do controle.

ABSTRACT: From studies socio-philosophical of the phenomenon of surveillance, it is possible to comprehend that the instruments of the control society can be utilized leaning to a greater balance to the durable asymmetry between correlated powers. For beyond of surveillance in closed places, the control make itself present each moment, bringing a potential of the pulverization of the dominant power, enlarging the space of action of the individuals according as these can engage more easily the position of subjects of the control.

Introdução

A cada momento estamos sendo vigiados. Nos *shoppings*, nas escolas, nos supermercados, no trabalho, nos ônibus, nas ruas. Os instrumentos de vigilância tecem sua intrincada teia por todos os espaços e a aparente absurdidade do *Big Brother* orwelliano (ORWELL, 2004) torna-se ficção passada. 1984 foi apenas um esboço. Caminhamos para o controle total.

Celulares que capturam imagens em vídeo, cartões de acesso que registram entrada e saída de determinados espaços, cadastros pessoais em sítios virtuais da Internet, rastreamento dos seus interesses pelo uso do cartão de crédito, *blogs*, *Orkut* e endereços eletrônicos repletos de informações que permitem traçar seu perfil. Esse é o mundo do controle que amparado pelo avanço tecnológico – sobretudo no que diz respeito à captação e transmissão de imagens – mina a privacidade da sociedade contemporânea.

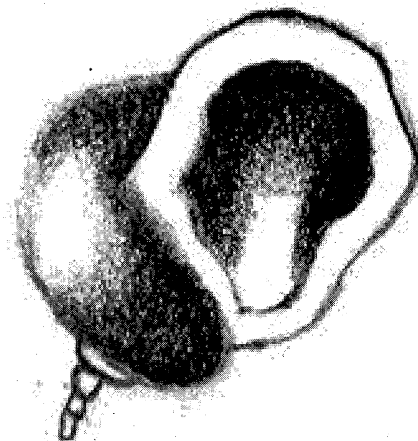
Segundo dados da ISC Brasil (*International Security Conference Expo*), a indústria de segurança eletrônica cresce aceleradamente em todo mundo e no Brasil não é diferente. O país encerrou 2006 com o investimento de mais de US\$ 1,1 bilhão só com a instalação de câmeras, alarmes, sensores, detectores de movimento e diversos outros serviços de monitoramento.

Nesse artigo pretendo suscitar reflexões acerca do mundo de controle em que estamos imersos. A partir da teoria de Michel Foucault e Gilles Deleuze e observações de fenômenos no âmbito da vigilância, tenciono verificar como o sistema que cria os mecanismos da imagem vem sendo, ele mesmo, desafiado por esses próprios mecanismos, levando a uma dispersão do poder dominante.

A vigilância confinada

Michel Foucault (1987), em sua já clássica obra *Vigiar e Punir*, especialmente na terceira parte do trabalho, analisa a vigilância nos séculos XVIII e XIX como instrumento para o disciplinamento e a docilização do corpo – aqui entendido em sua inteireza intelectual e física.

A disciplina é uma forma de dominação do corpo que visa à supressão de comportamentos divergentes ou não previsíveis que coloquem em xeque o controle social. Para tanto, muitos são os mecanismos dos quais se vale a disciplina: a distribuição do espaço a ser ocupado pelos indivíduos facilita sua localização; o controle das atividades impõe o horário como controlador das atividades e a disciplina no uso dos objetos. Nesse sentido, o tempo é fragmentado em parcelas que não devem ser desperdiçadas otimizando-o ao máximo e extraindo



*Agradeço à Lívia de Aquino, pela intensidade de vida compartilhada e pelo infinito companheirismo.

toda sua utilidade. A segmentação dos movimentos combina-se à fragmentação do tempo, pois permite o encaixe dos segmentos de movimento em segmentos de tempo, buscando dar o máximo de eficiência ao movimento completo na medida em que cada segmento do movimento pode ser observado mais atentamente para que haja sempre um direcionamento para um máximo de eficiência.

"...importa extrair do tempo sempre mais instantes disponíveis e de cada instante sempre mais forças úteis". (FOUCAULT, 1987, p. 131).

Esse disciplinamento do tempo e dos movimentos pode ser visualizado caricaturalmente no *Tempos Modernos* de Charles Chaplin (1936), em que o personagem quixotesco repete os mesmos movimentos automatizando-se e confundindo-se com a máquina da fábrica em que trabalha. Ao sinal do relógio, quais robôs, os funcionários da fábrica param para a refeição, retornando ao sinal seguinte. Tem-se aqui a metáfora do corpo-máquina, que sob força da disciplina movimenta-se não mais de maneira aleatória, mas segmentada. Na ética da sociedade industrializada, o corpo deve acompanhar a velocidade das máquinas. Foucault cita o exemplo do movimento dos soldados franceses do século XVIII para demonstrar a segmentação do movimento, o que pode ser visto em uma das cenas do filme de propaganda política nazista *Triunfo da Vontade*, da cineasta alemã Leni Riefenstahl (1935), em que um sem número de soldados nazistas executam em harmonia perfeita diversos movimentos com suas armas.

O que se observa é que a disciplina caracteriza-se por uma modalidade de poder que atua a cada instante, objetivando fabricar indivíduos úteis adestrando multidões confusas em uma homogeneidade previsível. Para tanto, a vigilância é de suma importância, devendo ser silenciosa e efetiva. Segundo Foucault:

"O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam." (idem, p. 143).

Ou seja, o poder vigilante deve ver sem ser visto, mas fazer saber que está assistindo a tudo. Dessa forma, os quartéis, as fábricas, as escolas, são construídos e pensados para funcionarem como "observatórios da multiplicidade humana". É a vez

"de uma arquitetura que não é mais feita simplesmente para ser vista (fausto dos palácios), ou para vigiar o espaço exterior (geometria das fortalezas), mas para permitir um controle interior, articulado e detalhado — para tornar visíveis os que nela

se encontram; mais geralmente, a de uma arquitetura que seria um operador para a transformação dos indivíduos." (idem, p. 144).

O incremento de vigilância nas instituições disciplinares permitiu a existência de um pequeno mecanismo penal, que Foucault denominou "sanção normalizadora" e que atuava na esfera do mínimo punível. Assim, os mínimos desvios de conduta davam margem a correções ou punições.

Como arquitetura ideal da vigilância silenciosa, Foucault apresenta o Panóptico de Bentham como arquitetura de vigilância ideal ao disciplinamento porque permite ver sem ser visto ininterruptamente, invertendo o princípio da masmorra. Ao invés da sombra, a luz. Esta estrutura consiste em uma construção em anel com uma torre central que, pelo efeito da contra-luz, permite ao vigia da torre assistir a todos os indivíduos localizados nas celas da periferia sem que seja visto por estes. Dessa forma, o panoptismo gera uma consciência inquieta de ser observado ininterruptamente permitindo que nasça uma sujeição real de uma relação fictícia e otimizando o poder disciplinador fazendo com que "a vigilância seja permanente em seus efeitos mesmo se é descontínua em sua ação" (idem, p. 166). Tal é o princípio das câmeras atuais, que atuam panópticamente interiorizando a coerção. Quem de nós nunca entrou em um elevador ou em um supermercado achando que está sendo vigiado mesmo que não haja câmera? O dispositivo panóptico permite uma introjeção da vigilância e de seu efeito disciplinador na consciência dos indivíduos, que certos da vigilância ininterrupta, agem como se estivessem sendo vigiados mesmo quando esta não atua de fato. "É o fato de ser visto sem cessar, de sempre poder ser visto, que mantém sujeito o indivíduo disciplinar" (idem, p. 156).

O pensador francês aponta a uma peculiaridade na disciplina que lhe confere poder extraordinário: a disciplina transforma o objeto da sua ação em sujeito de ação disciplinar de outrem. Desarte, através do adestramento e da docilização do corpo, o poder disciplinar multiplica-se e retroalimenta-se tornando o objeto vigiado em sujeito de vigilância, o que permite estender sua atuação por todo o corpo social. Assim, o aluno bem comportado e com bom aproveitamento habilita-se, conquista a competência de vigiar e punir outros alunos, ou pelo menos de delatá-los às instâncias punitivas.

Outro exemplo de como na relação de vigilância o objeto transforma-se em sujeito — numa cadeia que se desdobra *incontinenti* ao longo do corpo social — podemos observar na sociedade colonial, mais especificamente na região mineira. A historiadora Laura de Mello e Souza (1982) nos faz entender que o intenso fiscalismo metropolitano sobre a mineração e além desse fator econômico, a preocupação normalizadora da metrópole acerca das relações conjugais e entre vizinhos e escravos em uma sociedade que, com a urbanização crescente, começava a se misturar levou a Coroa a vigiar os mínimos detalhes da vida na colônia e

"contava com o apoio das populações mineiras, reprovando suas relações ilícitas e o seu modo de vida; premiava os agentes que se lançavam na repressão dos elementos incômodos e incentivava as câmaras a fazerem o mesmo. (...) A premiação era exemplar, serviria de incentivo para que em outras semelhantes ocasiões, houvesse vassallos que com igual zelo se interessassem no Serviço de Sua Majestade." (SOUZA, 1982, p. 110-2).

Nesse caso, os colonos – objetos da vigilância da coroa – tornavam-se sujeitos dessa vigilância na medida em que, incentivados por mercês, passavam a vigiar outros colonos e assim por diante. Dessa forma o poder disciplinar pulverizava-se e difundia-se pela colônia aonde o poder de vigilância da Coroa não podia chegar. Toda a vida social era observada. Essa vigilância meticulosa e a "disciplina do minúsculo" eram características do treinamento militar e escolar.

A vigilância solta as amarras

Hoje, mais do que nunca, a disciplina do minúsculo, pincelada por Foucault, se faz presente, aparatada pela diversa parafernália tecnológica que permite o monitoramento contínuo e velado dos indivíduos. Há algumas décadas, não se acreditava que satélites pudessem monitorar o mundo tangível de um indivíduo ou que aparelhos celulares permitissem criar um mapa da movimentação de seus usuários. Essa nova microfísica do poder se entremeia pelo interstício social e a vigilância deixa os espaços de confinamento para atuar ao ar livre.

Em verdade, poderia arriscar afirmar que a vigilância sai às ruas com o tipo ideal de detetive inglês plasmado na figura misteriosa de August Dupin, personagem criado por Edgar Allan Poe, que iria influenciar em muito a criação de Sherlock Homes, por Conan Doyle.

Gilles Deleuze (1992) analisa essa substituição das sociedades disciplinares pelas sociedades de controle. Para Deleuze, as sociedades disciplinares são apenas uma fase de transição entre o que Foucault chamava de sociedades de soberania e a sociedade de controle. Essa transi-

ção se caracteriza pela profunda pulverização do poder, antes notadamente concentrado na figura do soberano e agora mais que nunca atuando entre os indivíduos. Não se pode dizer com isso que nas sociedades disciplinares não havia uma microfísica do poder, contudo o poder encontrava-se muito mais institucionalizado. Desta maneira, a forma foucaultiana do poder interposto na sociedade, entre as relações interindividuais se torna mais latente.

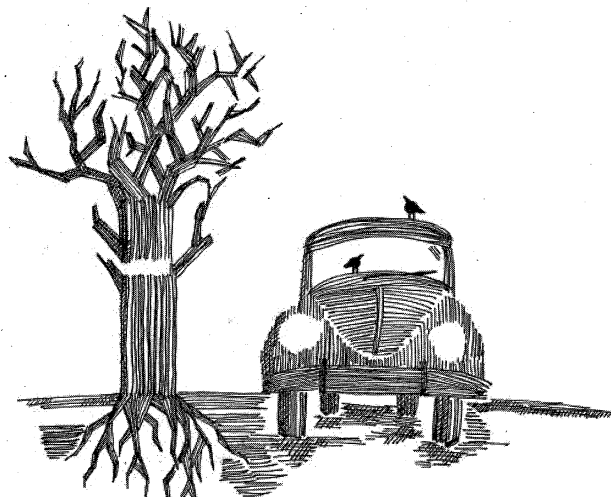
Com a crise dos meios de confinamento, a fábrica, a caserna, a escola, a família, a sociedade disciplinar dá lugar "a formas ultra-rápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado" (DELEUZE, 1992, p. 220). Deleuze descreve o controle como moldes moldáveis:

"os confinamentos são moldes, distintas moldagens, mas os controles são uma modulação, como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro." (ibidem)

O pensador francês quer com isso dizer que o controle assume uma adaptabilidade antes impossível pela disciplina. A dinâmica do controle substitui a fixidez da disciplina, o controle assume uma fluidez que faltava ao disciplinamento. Michel Hardt comenta:

"O controle é, assim, uma intensificação e uma generalização da disciplina, em que as fronteiras das instituições foram ultrapassadas, tornadas permeáveis, de forma que não há mais distinção entre dentro e fora." (HARDT, 2000, p. 369)

A fábrica é substituída pela empresa, o controle contínuo substitui o exame. As simples máquinas da soberania: alavancas, roldanas, relógios foram substituídas nas sociedades disciplinares pelas grandes máquinas energéticas; "as sociedades de controle, por sua vez, operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores" (DELEUZE, 1992, p. 223).



Percebe-se, portanto uma clara relação entre o avanço tecnológico e o desenvolvimento das sociedades de controle. O computador, as câmeras, cada vez menores, a tecnologia de armazenamento e compartilhamento de dados têm permitido uma individualização da vigilância. Assiste-se hoje a um afinamento da disciplinarização em uma precisão inédita. Com a moderna tecnologia, cada indivíduo pode ser rastreado e vigiado. Em Londres isso já acontece; são mais de 500 mil câmeras interligadas em um complexo sistema de controle que vigia os espaços públicos ininterruptamente, fazendo com que cada cidadão londrino seja filmado, em média, por trezentas câmeras diferentes diariamente (YOST, 2006).

Chegou-se a uma fórmula peremptória: não há quase nenhum ato nosso hoje que absolutamente não seja factível de se rastreado quando se trata da comunidade da informação. Os sites de comércio *on-line* vendem hábitos de consumo, uso, hábitos televisivos, tempos, dentro de um modelo que permite extratificação e segmentação de dados, onde dados são efetivamente hábitos transformados em números.

Experimente digitar *toilet cam* em um sítio virtual de busca ou atentar para como os *spams* que lotam sua caixa de endereço eletrônico têm tudo a ver com seus interesses, notadamente de compras. A Internet é um espaço de convivência virtual global que permite um rastreamento dos indivíduos e de suas atividades sem precedentes. Diante de todo esse aparato, vemos que somente agora o panoptismo atua com total poder interiorizando com mais perspicácia que nunca a coerção da vigilância.

Para além da "ficção" hodierna os ficcionistas nos revelam um mundo cada vez mais panóptico e examinador. *Minority Report* (SPILBERG, 2002), filme baseado em novela literária dos idos anos 1950, de autoria do escritor estadunidense Philip K. Dick, é um exemplo do que seria um paroxismo do exame e do controle. Partindo da idéia de que é possível prever volições nos indivíduos, a polícia atuaria *ante-factum*. O exame foucaultiano seria dessa forma um pré-exame; a vigilância se libertaria das inexoráveis correntes do tempo a que estamos submetidos e se adiantaria no disciplinamento da ação para que o indivíduo *pré-vigiado* a aborte (caso em que a coerção se daria privadamente no indivíduo, como possível fruto do poder disciplinar) ou seja interceptado pelo poder coativo. Nesse caso, a pena criminal não seria sanção de um fato concreto, mas da vontade de realizar esse fato, que, sendo interceptado a tempo nem se constituiria como tal. As vontades se constituiriam assim como tipos penais.

A pulverização do poder vigilante e a multiplicação dos sujeitos de vigilância

Sem perder de vista os prejuízos causados pela violência à privacidade – inclusive a privacidade genética, pois já são previstos sistemas de

vigilância e rastreamento contendo a seqüência genética dos indivíduos – o avanço tecnológico proporcionador da sociedade de controle e certa democratização dos seus instrumentos possibilitam um maior potencial de inversão da relação entre sujeitos e objetos do controle. De meros espectadores de notícias e comentários veiculados pela grande mídia pode-se, através dos novos meios, tornar-se protagonista na divulgação de opiniões alargando o debate acerca das mais várias questões e abalando o poder da grande mídia. Os *blogs*, os jornais alternativos, os sítios virtuais de discussão têm sido um grande exemplo do poder desses outrora indivíduos-objetos que ora apoderam-se da situação de indivíduos-sujeitos, encontrando na Grande Rede Mundial um *locus* ideal para larga divulgação de idéias muitas vezes subversivas ao próprio sistema que criou esse espaço de divulgação¹. Paul Virilio (1998) comenta essa característica da revolução da informação como revolução da delação generalizada, em que qualquer um vigia qualquer um:

"Com efeito, nada se compreenderá acerca da revolução da informação sem se aperceber que ela inicia também, de maneira puramente cibernética, a revolução da delação generalizada!" (VIRILIO, 1998, tradução minha).

Sobre esse avanço tecnológico, Walter Benjamin (1985) propõe uma postura crítica, mas não simplesmente de confronto. Para ele, a tecnologia avançou sobremaneira em relação à capacidade humana de utilizá-la, entretanto ele não nega essa tecnologia. Ao contrário, defende que, vivendo em um mundo de tiranias da imagem, devemos combater a dominação valendo-se do mesmo expediente, a imagem. Para o pensador alemão, morar em uma casa de vidro é uma atitude revolucionária (BENJAMIN, 1985, p. 118), ele não teme o sistema porque sabe que ele é repleto de falhas.

Para Guy Debord (1997), o sentido privilegiado na sociedade de espetáculo em que vivemos é a visão. Porém, mesmo o espetáculo materializando-se como imagem, não pode ser decodificado por esse sentido humano, uma vez que o espetáculo escapa a atividade humana, sendo o avesso do diálogo (DEBORD, 1997, p. 18). Assim, sendo as imagens os componentes principais da linguagem pós-moderna (ou tardo-moderna, como preferem alguns), Benjamin permite que ele próprio seja o primeiro a ter seu ego devassado. Ele propõe que andemos no contrafluxo do sistema utilizando-se de suas próprias ferramentas. Apesar de toda sua crítica ao sistema, Benjamin acredita na capacidade inventiva do homem e no seu poder de reverter a situação caótica a que chegamos. O pensador alemão entende que o homem não mudou, apenas está narcotizado pelas frivolidades proporcionadas pela razão instrumental do sistema. Nunca a inteligência humana foi tão desafiada quanto hoje a enfrentar o sistema e encontrar suas brechas.

¹ Como outro exemplo de subversão ao sistema, pode-se citar o caso de diversas bandas virtuais que atuam na Internet publicando e disponibilizando músicas e clipes sem submeterem-se à poderosa indústria fonográfica, desdenhada por diversas dessas bandas que rechaçaram a possibilidade de contratos com grandes gravadoras.

Norteados por esta postura corajosa e confiante na humanidade, entendo que a situação de controle total a que chegamos deve ser vista não somente como algo pernicioso, por uma visão maniqueísta desse complexo fenômeno, mas como um potencial dinâmico, na forma foucaultiana do poder mutável, que pode mesmo equilibrar a correlação da miríade de poderes associados cuja assimetria permanente caracteriza, para Foucault, a dominação. O pensador francês, entendendo que o poder encontra-se espalhado pela malha social e acreditando ser esse poder dinâmico, ora favorecendo um pólo da relação, ora outro, caracteriza a dominação como sendo uma relação permanente de assimetria entre duas partes correlacionadas. Imagetivamente, poderíamos pensar essa relação como sendo vetores que partem com mais força de determinados pólos da relação. Em sendo continuada essa relação assimétrica, verifica-se uma relação de dominação. Dessa forma, um maior potencial de inversão na relação objeto-sujeito de controle permite um redimensionamento das relações de poder.

Pinceladas empíricas

É nesse contexto que se insere a Nova Mídia no cenário mundial, furando o cerco de parcialidade da Grande Mídia – aqui entendida como meios de comunicação de massa orientados pela lógica do grande capital e em sua função – e permitindo um novo protagonismo da notícia de muita relevância para a divulgação de movimentos sociais e suas ações. Poderíamos até dizer que com o advento desses novos meios, sobretudo com a Internet e todas as suas possibilidades, há, mais do que nunca, lugar para uma congregação internacionalista como fora proposto por Marx e Engels (2004) na primeira parte do Manifesto do Partido Comunista, ainda em 1848. Segundo os autores a

“união [entre os operários] é facilitada pelo crescimento dos meios de comunicação que são criados pela grande indústria e que colocam em contato os operários de diferentes localidades” (MARX & ENGELS, 2004, p. 54).

A Nova Mídia surge com a fluidez da modernidade líquida de que nos fala Zygmunt Bauman (2001) e se faz representar por milhares de pequenos centros produtores de notícias que aos poucos vão driblando a mídia de massa. São es-

ses centros que, como apregoara os autores do Manifesto de 1848, vem tornando possível um maior diálogo entre movimentos sociais de todo o mundo.

Um desses centros já espalhados em várias partes do globo é o Centro de Mídia Independente (CMI BRASIL) também chamado *Indymedia* ou CMI. Trata-se de uma rede internacional de produtores e produtoras de informação livre e independente de interesses empresariais ou governamentais. O projeto começou em novembro de 1999 durante os protestos contra a OMC em Seattle e seu principal objetivo é democratizar a produção de notícias. Atualmente existem CMIs em 31 países do mundo e centenas de CMIs locais nesses países. O projeto existe no Brasil desde maio de 2000.

O Centro de Mídia Independente produz jornais, áudio e vídeo jornalismo, porém o mais famoso é a Publicação Aberta nos sítios virtuais do CMI, em que se pode acessar e publicar sua própria notícia; ser você mesmo a mídia. Muitos dos que participam no CMI o vêem como uma alternativa mais rápida e melhor que a Grande Mídia, principalmente pela sua organização autogestionada e pela capacidade de estar em locais de difícil acesso e divulgar notícias de pouco interesse (ou interesses contrários) para a Grande Mídia. Além do CMI, poderia citar o sítio virtual *YouTube*, onde se pode publicar vídeos os mais diversos.

Com isso, manifestações como aquelas que questionam a privatização da Companhia Vale do Rio Doce, Grito dos Excluídos, Fórum Social Mundial, Marcha Mundial de Mulheres, manifestações contra a guerra do Iraque e a política externa estadunidense além de tantas outras experiências questionadoras do que está posto podem divulgar mais amplamente suas posições e objetivos, havendo um maior potencial de equilíbrio daqueles vetores de poder correlacionados e conseqüente inversão do poder do controle, pois que os criadores dos seus mecanismos se vêem então controlados. Há então uma multiplicação dos sujeitos da notícia; minimamente uma democratização dos pontos de vista.

O controle total a que chegamos traz paradoxalmente consigo o potencial de pulverização do poder dominante, não obstante este continue a se manter coeso, uma vez, que as ferramentas que permitem a subversão ao controle estão em grande parte concentradas pelos maiores detentores do controle. Entretanto deve-se levar em conta o alargamento do espaço de ação dos indivíduos na medida em que estes podem, a partir de um engajamento subjetivo, ocupar a posição de sujeitos do controle.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. (2001), *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. 1ª edição. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- BENJAMIN, Walter. (1985), *Mágica e Técnica, Arte e Política*. (Obras escolhidas; v.1). Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 1ª edição. São Paulo, Brasiliense.
- CMI BRASIL – Centro de Mídia Independente. < <http://www.midia independente.org> >. Acessado em 26 e agosto de 2008.
- DEBORD, Guy. (1997), *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro, Contraponto.
- DELEUZE, Gilles. (1992), *Conversações: 1972-1990*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 1ª edição. Rio de Janeiro, Editora 34.
- FOUCAULT, Michel. (1987), *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. 11ª edição. Petrópolis, Vozes.
- HARDT, Michel. (2000), "A sociedade mundial de controle", in E. Alliez (org.), *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Tradução de Maria Cristina Franco Ferraz. Rio de Janeiro, Editora 34.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. (2004), *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução de Pietro Nasseti. 1ª edição. São Paulo, Martin Claret.
- ORWELL, George. (2004), *1984*. Tradução de Wilson Velloso. 29ª edição. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- SOUZA, Laura de Mello e.. (1982), *Desclassificados do Duro: A pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro, Graal.
- VIRILIO, Paul. S'observer et se comparer sans cesse: le règne de la délation optique. In: *Le Monde Diplomatique*, (1998), Paris. <<http://www.monde-diplomatique.fr/1998/08/virilio/10812>>. Acessado em 13 de junho de 2008.

FILMOGRAFIA DE REFERÊNCIA

- RIEFENSTAHL, Leni. 1935. O Triunfo da Vontade. Alemanha, DVD, p&b, 114 min.
- CHAPLIN, Charles. 1936. Tempos modernos. EUA, DVD, p&b, 87 min.
- YOST, Peter. 2006. Vigilância permanente: o fim da privacidade, EUA, DVD, cor, 51 min.
- SPILBERG, Steven. 2002. Minority Report: a nova lei, EUA, DVD, cor, 146 min.

Graduando do 7º semestre de Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); graduando do 6º semestre de Direito pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: gustavo.fernandes@gmail.com.